

**DE BELLO GALLICO:
A RETÓRICA DE CÉSAR NA DESCRIÇÃO DO OUTRO**

Stephanie Cunha dos Santos da Silva (UFF)

cunhastephanie@id.uff.br

Leonardo Ferreira Kaltner (UFRJ)

leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o texto de César denominado *De Bello Gallico* a fim de identificar como o militar romano descreve os Helvécios, um dos povos da Gália contra quem Roma trava batalha, e de que forma ele justifica por meio da retórica a dominação. Tendo em vista que a obra do autor serviu como um recurso didático para o ensino de latim, desde a época em que foi escrito, sendo objeto comum para a História de Roma e para a Literatura Latina. Para tanto, valer-se-á da crítica textual sobre as bibliografias que abordam tal temática e do método proposto pela historiografia linguística na análise de fontes. Deste modo, poderemos concluir como existe uma diferença entre o fato histórico e a retórica política e de que maneira essa diferença era crucial no funcionamento do Senado Romano.

Palavras-chave:

César. Retórica. Guerra da Gália.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the text of Caesar called *De Bello Gallico* in order to identify how the Roman military describes the Helvetii, one of the peoples of Gaul against whom Rome fights, and how he justifies domination by rhetoric. To this end, it will use textual criticism on the bibliographies that address this theme and the method proposed by linguistic historiography in the analysis of sources. In this way, we can conclude how there is a difference between historical fact and political rhetoric and how this difference was crucial in the functioning of the Roman Senate.

Keywords:

Caesar. Rhetoric. Gaul War.

1. Introdução:

A historiografia linguística é um campo de conhecimento caracterizado por uma “investigação metodologicamente informada e a apresentação de acontecimentos passados na evolução da disciplina designada de ‘linguística’ ou ‘ciências da linguagem’” (KOERNER, 2014, p. 17). O pesquisador desta área atua, segundo Swiggers (2012), como um “observador”, um “crítico” e um intérprete. Com isso, três princípios são esta-

belecidos por Koerner (2014) para um bom proceder neste campo, são eles: a contextualização, a imanência e a adequação. A obra de César é um dos principais textos no ensino de latim clássico e sua influência nos currículos a torna objeto de interesse da Historiografia Linguística.

Pierre Swiggers, ao trabalhar com a historiografia linguística afirma que um dos principais conceitos desta área é o de “pontos/entrelaces de ancoragem”. Esses entrelaces de ancoragem podem ser entidades individuais (textos, autores, usuários) ou ainda pontos de entrelaces contínuos (instituições, escolas, grupos, sociedade). No presente trabalho os pontos de ancoragem são a obra de César *De Bello Gallico* e o Senado Romano.

A batalha da Gália foi uma das conquistas militares de César enquanto um general romano, mas ao contrário do que as produções cinematográficas mostram, o relato de César se mostra uma detalhada descrição dos povos com os quais trava luta. O objetivo do seu escrito, pensado e criado tendo o Senado romano como interlocutor, é apresentar o seu inimigo como valente e belicoso adversário que dificulta suas tentativas de dominação. Nota-se que em sua obra não há a presença de elementos do panteão olímpico e isso diz muito a respeito das metas de César e do público alvo da sua obra. O presente trabalho abordará quais eram os principais intentos de Júlio César com tal relato e como sua descrição do outro fala a respeito da própria sociedade romana e de sua estrutura política senatorial.

2. César e a República romana:

Para contextualização do ambiente em que a obra *De Bello Gallico* é elaborada é preciso abordar como era a política e as estruturas sociais romana neste período. No século I a.C. o cenário político romano passa por profundas transformações com o surgimento de um dos nomes mais conhecidos quando a temática trabalhada é a Roma clássica: Júlio César (ALMEIDA, 2018).

A respeito de César pouco se fala sobre sua infância e estrutura familiar. Autores do período clássico como Suetônio e Plutarco que o biografaram, lançaram suas atenções principalmente para a descrição dos seus feitos militares (PIRES; LIMA; BOVKALOVSKI, 2013). As autoras Kassia Pires, Adriana Lima e Etienne Bovkalovski (2013) a respeito dos escritos de Suetônio afirmam que ele “(...) escreveu sobre as ativida-

des estratégicas políticas e militares, porém se ateu em detalhes pessoais, retratando informações não comprovadas por fontes, só por boatos.” (p. 107). Dentre as possíveis especulações feitas pelo biógrafo romano André Leme (2017) aponta:

Visitando o templo de Hércules ali localizado, Júlio César teria se deparado com uma estátua de Alexandre, o Grande. Depressa, se pôs a lamentar, culpando-se por sua enorme falta de presteza, tendo em vista que não havia conseguido realizar nada de memorável em uma idade na qual Alexandre já havia conquistado o mundo. E com todos esses pensamentos em mente, Júlio César teria decidido partir em direção a Roma, local onde procuraria, o mais rapidamente possível, melhores oportunidades de sucesso (Jul. VII, 1). Trata-se aqui de um interessante paralelo na construção de Suetônio, com possíveis desdobramentos de sentido. Podemos afirmar que a imagem de Alexandre, o Grande, esteve presente no imaginário político romano relacionada ao ideal de governante expansionista e conquistador, unificador e senhor do mundo. (LEME, 2017, p. 460)

Em sua narrativa o biógrafo romano Suetônio, tanto na comparação de César com Alexandre (que para muitos era considerado um déspota), quanto na exposição de possíveis sonhos e pensamentos de seu biografado traz uma visão de um homem ganancioso e contrário as estruturas políticas vigentes em Roma naquele período, um verdadeiro opositor ao governo dos “melhores”: o Senado (LEME, 2017, p. 461). O modelo de governo vigente por volta do ano 100 a. C., período de César, era denominado República Romana. A respeito deste sistema político André Luiz Leme (2017) afirma que:

Quando de seu estabelecimento, a sociedade republicana apresentava determinadas características: os membros da tradicional aristocracia patricia, cidadãos de posses, encontravam-se no topo. Eles controlavam os rumos da política, pois dominavam as instituições (especialmente, o Senado) e o exercício das mais importantes magistraturas, a exemplo do consulado. Os demais membros da sociedade, incluindo os plebeus enriquecidos (equestres) e os plebeus pobres (o povo), com o passar dos anos, acabaram lutando e conquistando frente aos patrícios vários direitos; apesar disso, não ocorreram grandes alterações na estrutura social romana. Roma, no desenvolvimento de sua República, ao mesmo tempo em que organizava e fortalecia a sua estrutura social, apresentou e levou adiante uma política externa de forte expansionismo. (LEME, 2017, p. 458)

É justamente no contexto de República que Roma vive seu período de maior expansão com suas conquistas militares se tornando uma hegemonia em toda Península Itálica (LEME, 2017). De uma pequena cidade, se transforma em uma potência. De modo que, o exército passa a ter um papel cada vez mais relevante na proteção e manutenção de seus domínios. Por conseguinte, seus oficiais começaram a ter maior partici-

pação no universo político e maior poder sobre o exército que o Senado devido a um sistema de troca de favores entre soldados e generais (ALMEIDA, 2018). Segundo André Luiz Leme (2017), o que se observa na passagem do século II para o século I a.C. são diversas disputas entre a aristocracia pela magistratura o que gera conflitos entre os dirigentes do governo.

3. A disputa da Gália: o não romano, segundo César

Ao longo de sua carreira militar, Júlio César esteve em diversas batalhas, dentre elas uma das mais relevantes foi sem dúvida a disputa pela Gália, região composta por diversos povos distintos. A relação entre Roma e Gália remete a um contexto anterior muito complexo que se inicia por volta do século V a. C. quando os romanos inicia o processo de expansão na Península Itálica, processo este que teve seu auge no século III, e se firmou no século I a. C. (Cf. ALMEIDA, 2018, p. 100). A respeito dos povos que compunham a região da Gália, Almeida (2018) afirma que:

Os celtas se estabeleceram na Europa Ocidental especialmente na segunda metade do século V a.C., quando deixaram as terras do norte da Alemanha e áreas próximas (onde hoje é a Dinamarca, às margens do mar Báltico e do rio Elba) e migraram para o sul, em busca de clima mais ameno e terras férteis; essas nações, assim, estabeleceram-se onde hoje é a França, a Catalunha (dando origem aos celtiberos), a Bélgica, a Suíça, estendendo-se até o rio Danúbio, e também na Inglaterra e norte da Itália (SCHMIDT, 2004, p. 11 a 14). A nação celta dos sênonos, que tinha seu território onde hoje está situada a cidade de Sens, na França, era bastante populosa e sofria com escassez de terras; por conseguinte, parte desse povo cruzou os Alpes em 400 a.C. e se estabeleceu na região entre Ravena e Ancona, depois de expulsarem os úmbrios, e foram eles os responsáveis pelo saque de Roma (SCHMIDT, 2004, p. 15). (ALMEIDA, 2018, p. 101)

Tendo como inimigo comum os etruscos, celtas e romanos se uniram em uma aliança de mútua neutralidade, mas essas relações se tornam conturbadas quando os gauleses decidem invadir a cidade de Roma (ALMEIDA, 2018). A respeito desse episódio na história latina, Priscila Almeida (2018) aponta que o avanço dos gauleses era motivado mais pela pilhagem, o ganho imediato de espólios de guerra do que por um desejo expansionista de conquistas de novas terras (2018, p. 101). Ainda a respeito desse episódio, a autora menciona que:

Por conseguinte, embora tenha sido uma grande humilhação para os romanos, o saque da cidade não deixou uma grande devastação; ainda se-

gundo Fav ersani e Joly (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 121), a própria recuperação de Roma após a invasão, de forma rápida e efetiva, é indício de que a destruição não foi tão grande assim. Esse acontecimento, contudo, ficou definitivamente gravado na memória dos romanos como sendo a maior catástrofe que ocorreu à urbe. (ALMEIDA, 2018, p. 101)

Ao longo dos anos, entre alianças e disputas, os romanos começam a estabelecer acordos militares com alguns povos celtas a fim de garantir que seu projeto de expansão não fosse prejudicado (ALMEIDA, 2018, p. 102). Quando um conflito entre gauleses e germanos ameaça os interesses de Roma, César parte em direção a Gália sob alegação de ir em defesa da República e em ajuda aos gauleses. A respeito deste episódio, Priscila Almeida (2018) afirma que:

Schmidt (2004, p. 189) considera que provavelmente o senado romano se absteria de intervir na Gália em uma questão que não a afetava diretamente, já que essas migrações ocorriam fora de sua zona de influência, mas que César, ávido de glória militar, buscou os argumentos mais falaciosos para intervir militarmente na Gália. Todavia, acreditamos que Roma dificilmente deixaria a Gália desocupada, até pelas províncias na Espanha e norte da Itália, os gauleses e germanos estariam muito próximos, como de fato ocorreu, já que Ariovisto estava cada vez mais tomando terreno e se aproximando dos limites da província romana (ALMEIDA, 2018, p. 105)

Deste modo, pode-se afirmar que muito além da descrição de como se deu a guerra, o objetivo de César era convencer o Senado a respeito da relevância que tal conquista romana teria e de seu papel chave na resolução do conflito, se configurando como um texto retórico. Especialmente pelo fato de César, ao longo de sua carreira política, já ter se mostrado opositor ao governo dos melhores, sua autopromoção não apenas lhe garantiria honrarias militares, como também um maior apoio dentro do contexto político latino, se igualando na disputa contra Pompeu, o grande conquistador do Oriente próximo que teria acabado com a pirataria no Mediterrâneo (ALMEIDA, 2018, p. 105). Giovane Cella (2015), ao descrever a obra de César a classifica como uma obra etnográfica, a respeito da qual aponta que:

Entretanto, a contemporaneidade aos acontecimentos não faz com que as descrições etnográficas apresentadas por César correspondam necessariamente a uma realidade observada pelo autor, pois, como aponta Fornara, a “etnografia permitia a publicação do relato não confirmado mesmo daquilo improvável”, mas que também “seria errado supor que o costume se formou por uma deficiência no senso histórico dos antigos. Era parte do gênero da etnografia, mesmo quando casado à História.” [Fornara, 1988: 15] (CELLA, 2015, p. 22)

Assim, é correto afirmar que a obra de César se insere em um quadro de tradição literária greco-romana, se configurando como um cânon utilizado no ensino da língua latina. Os escritos de César se tornaram um material didático muito importante para o ensino não apenas da língua, mas também da cultura romana. A descrição que o militar faz, apesar de muito técnica por se tratar de um relato militar, apresenta ainda um visão “do outro” muito baseada nos interesses que ele pretendia defender. Os três fragmentos que serão apresentados trazem em si elementos que auxiliam na compreensão não apenas da visão que o autor tinha a respeito do povo contra que ele travava batalha, mas também das técnicas por ele usadas para se autopromover:

Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate provinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores saepe commeant atque ea quae ad effeminandos animos pertinent important [...] (Caes., *B. Gal.*, 1, 1)

Tradução própria:

Entre todos eles, os belgas são os mais fortes, por esta razão se afastam longinquamente do convívio social, por não terem as humanidades da província. E minimamente junto a eles os mercadores com frequência se aproximavam com estas coisas que são pertinentes para afeminar os ânimos.

Neste fragmento, apesar de César aponta a distância dos belgas da cultura provinciana como um fator para animosidade deles, os caracteriza como fortes, o que as distingue das demais. Giovane Cella (2015) afirma que a os romanos tinham acesso a outras culturas e outros povos através da guerra de modo que a “representação desses povos (e de seus ambientes), ou seja, uma demonstração de conquista intelectual, constitui importante passo para uma conquista *de facto*” (CELLA, 2015, p. 26):

[...] Qua de causa Helvetii quoque reliquos Gallos virtute praecedunt, quod fere quotidianis proeliis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt. (Caes. *B. Gal.*, 1, 1, 5)

Tradução própria:

Por causa desta razão os helvécios superam os outros gauleses em bravura, já que disputam, quase diariamente, com os germânicos, quando os expulsam de seus domínios, ou travam guerras em seus limites.

Ao falar sobre os Helvécios, César acentua as características positivas em relação à guerra, sendo eles mais belicosos por constantemente travarem batalha por território. Ao longo de toda a sua obra, Júlio César

aponta que entre os povos existiam diferenças, mesmo que as sociedades não romanas sejam tidas como bárbaras, como afirma Cella (2015):

Contudo, ele não nos apresenta apenas um bárbaro, o gaulês, mas também descreve na obra os germanos. Para articular a existência de bárbaros de naturezas diferentes entre si, e também apresentar o gaulês como conquistável e romanizável, César mais uma vez se volta para a tradição (CELLA, 2015, p. 27)

Entender tal diferenciação entre os povos não romanos se torna um elemento importante, pois essa distinção determinava a maneira como seriam tratados após a vitória de Roma. Segundo Priscila Almeida (2018) “a elite dos povos que tranquilamente se aliavam recebia a cidadania romana, plena ou parcial. Os que resistiam, quando subjugados, tornavam-se escravos, e as nações rebeldes eram submetidas a pesados tributos e impostos” (ALMEIDA, 2018, p. 97). A respeito da aliança com os romanos, Funari (2002) fala que ela implicava “o fornecimento de forças militares, chamadas auxiliares, a aceitação da hegemonia política romana, mas também permitia um grau, bastante variável, de integração com o Estado romano” (FUNARI, 2002, p. 70):

Apud Helvetios longe nobilissimus fuit et ditissimus Orgetorix. Is M. Messala, [et P.] M. Pisone consulibus regni cupiditate inductus coniurationem nobilitatis fecit et civitati persuasit ut de finibus suis cum omnibus copiis exirent: perfacile esse, cum virtute omnibus praestarent, totius Galliae imperio potiri. (Caes. B. Gal., 1, 2)

Tradução própria:

Dentre os helvécios, Orgetorix foi de longe o mais rico e distinto. Ele, durante o período que Marcus Messala e Marcus Piso eram consules, movido pela luxúria do poder, formou uma conspiração entre os homens nobres e persuadiu a sua cidade a fim de que saíssem com todas as tropas e bens.

Orgetorix foi um importante líder helvécio, que na descrição do militar romano se distinguia dos demais. A caracterização dessa liderança é importante, pois um dos momentos cruciais para o fim da disputa foi a rendição de Orgetorix, assim, o mais notório entre todos os helvécios se rende ao poderio romano e a figura de César. Neste fragmento, muito além da descrição do outro, podemos dizer que César descreve a si próprio.

4. Conclusão

Conclui-se que a obra de César intitulada *Comentarii de Bello Gallico* muito além de um relato militar é também um recurso político de

convencimento frente ao Senado e de autopromoção do autor. Esta obra ao longo dos anos serviu como um recurso didático não apenas para o ensino do latim, como também da cultura romana. Na visão de Júlio César, o “outro” é tido como um bárbaro, mas isso não quer dizer que eles não possuam nenhum tipo de virtude, nem que a possibilidade de aderirem a cultura romana seja inexistente. A destreza na guerra é muito pontuada pelo militar, assim como o fato de uns povos gauleses serem mais fortes que outros. Pode-se dizer que na visão de César, o não romano não se apresenta como povos iguais, cada um possui suas particularidades e valores próprios, sendo uns mais facilmente capazes de aderir a cultura romana e a estabelecerem laços de colaboração mútua. O que define essa diferença é a cultura e a proximidade de Roma.

A descrição do militar se configura não apenas como um relato técnico da guerra, mas também como uma descrição etnográfica que se insere em um contexto de tradição literária antiga grega. Servindo para um propósito e militar e político, a obra pode ser empregada não somente no estudo da língua latina, já que a obra faz parte do cânon de obras clássicas, mas em uma análise da cultura romana no que tange a relação com o outro. A complexidade e a contradição que a imagem do general romano encerra em si só acabam por demonstrar como a sociedade romana era complexa e diversa. Assim, estudar os *Comentários sobre a Guerra da Gália* se torna um recurso importante para a compreensão linguística e historiográfica deste período, sendo este um dos primeiros textos latinos utilizados para o ensino de principiantes na gramática da língua.

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Priscilla Adriane Ferreira. *Os gauleses em César, Tito Lívio e Plínio, o Velho*: Sobre a retórica da representação do outro e a construção do si. Universidade Federal de Minas. Belo Horizonte, 2018 Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETRB57JX/8/1/priscilla_adriane_ferreira_almeida_tese.pdf. Acesso em: 3 ago. 20 .

CAESAR. *Comentarii de bello Gallico*, liber I. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/caes.html>. Acesso em: 10 ago. 20.

CELLA, Giovane Vasconcellos. *Os Gauleses de César: a etnografia e a virtus no Bello Gallico.Mare Nostrum*, ano 2015 Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hDhzrrJCv_IJ:

<https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/download/110653/109107/198944+&cd=15&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 mar. 21

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2002. Disponível em: <https://geopraxis.files.wordpress.com/2016/03/livro-grc3a9cia-e-roma.pdf>. Acesso em: 31 ago. 20.

KOERNER, E. F. Konrad. *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014. Disponível em: https://www.utad.pt/cel/wpcontent/uploads/sites/7/2018/05/CEL_Lingu%C3%ADstica_11.pdf. Acesso em: 18 ago. 20.

LEME, André Luiz. A biografia de Júlio Cesar e os riscos do poder absoluto: Suetônio e a política romana em tempos de Adriano (século II d.C.). *Aedos*, v. 9, n. 21, p. 456-73, Porto Alegre, Dez. 2017 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/download/76105/47326>. Acesso em: 18 ago. 20.

PIRES, Kássia Amariz. LIMA, Adriana Macelim de Souza. BOVKALOVSKI, Etienne Caloy. A vida de Júlio César sob a visão de Plutarco e Suetônio (século I d.C.). *NEArco Revista Eletrônica de Antiguidade*, 2013. Disponível em: <http://www.neauerj.com/Nearco/arquivos/numero12/97-111.pdf>. Acesso em: 01 Set. 20.

SWIGGERS, Pierre. Linguistic historiography: object, methodology, modelization. *Todas as letras*, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/4527/3489>. Acesso em: 19 ago. 20.